

A esperança cristã para o futuro pós-pandemia: A contribuição do Papa Francisco

*Antônio Ronaldo Vieira Nogueira*¹

Resumo: A pandemia do novo coronavírus escancarou também as crises econômica, política e social. A fé cristã, contudo, pode oferecer uma importante contribuição para a superação dessas crises. É o que tem feito o Papa Francisco em vários de seus discursos, homilias e catequeses e é isso que queremos sistematizar em nossa comunicação. Por meio de uma revisão bibliográfica das catequeses do Papa Francisco sobre a pandemia e sobre a esperança, além de algumas de suas homilias e discursos, queremos mostrar que há possibilidade de sairmos melhores dessa crise, desde que assumidos compromissos a partir da esperança. Nosso trabalho se desenvolverá em três pontos: primeiramente, apresentaremos, na visão do Papa Francisco, os principais problemas políticos, econômicos e sociais desmascarados e potencializados pela crise sanitária; a seguir, faremos uma reflexão sobre a esperança cristã, alicerçada no Reino de Deus e no mistério pascal de Cristo; no terceiro ponto, mostraremos como essa esperança é que, segundo o Papa Francisco, nos fará sair melhores da crise, desde que assumamos o compromisso inadiável com os princípios da dignidade da pessoa, do bem comum, da opção preferencial pelos pobres, do destino universal dos bens, da solidariedade, da subsidiariedade e do cuidado pela nossa casa comum.

Palavras-chave: Pandemia; Papa Francisco; Esperança; Compromisso

INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo novo Coronavírus colocou a humanidade diante de uma crise sem precedentes na história moderna e escancarou também e, ao mesmo tempo, a crise econômica, política e social. Poderíamos dizer que temos dois tipos de vírus a serem curados: o pequeno vírus (coronavírus) e os grandes vírus sociais, econômicos e políticos (FRANCISCO, 2021m). Em meio a essa crise, o Papa Francisco tem oferecido uma enorme contribuição, ajudando a perceber essas doenças e oferecendo caminhos de ação para saná-las.

Nossa comunicação tentará sistematizar, a partir das nove catequeses “Curar o mundo” do Papa Francisco, pronunciadas em agosto e setembro de 2020, além de alguns dos seus discursos e homilias, como ele tem proposto caminhos de esperança cristã para sairmos melhores dessa crise, desde que nos comprometamos com algumas questões fundamentais. Nossa apresentação será feita em três pontos: primeiro, serão elencadas as diversas doenças sociais identificadas pelo Papa Francisco; depois, explicitaremos o modo como ele aborda o tema da esperança, o que nos permite pensar em sair melhores dessa situação, desde que, e esse é o assunto do terceiro tópico, sejam assumidos alguns compromissos inadiáveis com a dignidade

¹ Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/MG. Professor de Teologia Sistemática da Faculdade Católica de Fortaleza – Fortaleza/CE. E-mail: antonio_ronaldoa@hotmail.com.

da pessoa, a opção preferencial pelos pobres, o destino universal dos bens, a solidariedade, o bem comum, o cuidado pela nossa casa comum e a subsidiariedade.

1 A PANDEMIA DO PEQUENO VÍRUS E OS GRANDES VÍRUS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS

A crise sanitária provocada pelo novo Coronavírus “desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades”. Ela também fez perceber “aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos” (FRANCISCO, 2021a). É importante destacar, porém, que não se trata de uma crise sanitária somente, mas nela, outras patologias foram escancaradas.

Como tudo está interligado no mundo (FRANCISCO, 2015, n.16), não temos somente o pequeno vírus (coronavírus) que provocou a pandemia, mas outros grandes vírus, que provocam as grandes desigualdades econômicas e injustiças sociais (FRANCISCO, 2021g): “Um pequeno *vírus* [...] pôs a nu a grande desigualdade que reina no mundo [...]. Estas injustiças não são naturais nem inevitáveis. São obra do homem, vêm de um modelo de crescimento separado dos valores mais profundos” (FRANCISCO, 2021m). Para ambos os tipos de vírus precisamos encontrar a cura: “para sair da pandemia, temos de encontrar a cura não só para o *coronavírus* – que é importante! – mas também para os grandes *vírus* humanos e socioeconômicos (sic)” (FRANCISCO, 2021m). Vejamos, brevemente, quais são esses “vírus” humanos e socioeconômicos descritos pelo bispo de Roma.

Um primeiro “grande vírus” é o que reúne a indiferença egoísta, uma visão distorcida e negligente da pessoa aliada à cultura do descartar. A crise sanitária terá uma recuperação lenta e fadigosa. Nesse processo corremos o risco de ser contaminados por um vírus pior que é a indiferença egoísta, que “transmite-se a partir da ideia que a vida melhora se vai melhor para mim, que tudo correrá bem se correr bem para mim. Começando daqui, chega-se a selecionar as pessoas, a descartar os pobres, a imolar no altar do progresso quem fica para trás” (FRANCISCO, 2021d). Tal doença igualmente pandêmica aproveita-se da situação para buscar vantagens pessoais, econômicas e políticas. Esse egoísmo de pessoas, empresas e nações na busca de soluções para a crise sanitária poderá até nos fazer sair dela, mas não da crise humana e social que ela evidenciou e acentuou (FRANCISCO, 2021j).

Intimamente ligado a esse interesse egoísta está a patologia social gravíssima da visão distorcida da pessoa aliada à cultura do descartar: nega-se ao outro sua dignidade e índole relacional, considerando-o como objeto para ser usado e descartado, um bem de consumo que se deve dominar, explorar e descartar para realizar os próprios interesses. Essa realidade pode ser identificada com o que o Papa Francisco (2020, n.36) chamou de princípio do “salve-se quem puder” e que se traduzirá no lema “todos contra todos”, algo pior que uma pandemia.

O tempo de incertezas em que vivemos provoca muitos problemas socioeconômicos que afetam, em primeiro lugar e de modo mais cruel, os pobres. A crise sanitária ressaltou também o vírus da injustiça e desigualdade social ligado a uma economia doente: “a economia está doente [...] esta é a doença: o fruto de um crescimento econômico (sic) iníquo – que prescinde dos valores humanos fundamentais. No mundo de hoje, muito poucas pessoas ricas possuem mais do que o resto da humanidade” (FRANCISCO, 2021h). Para muitos, a vida das pessoas interessa menos que os números da economia: “algumas quotas do mercado financeiro [...] caem e as notícias aparecem em todas as agências. Milhares de pessoas morrem de fome, de miséria, e ninguém fala sobre isto” (FRANCISCO, 2021i).

E os “remédios” buscados e oferecidos na economia continuam a ser injustos, pois buscam “rendimentos dissociados da criação de empregos dignos [...]. Este tipo de lucro é dissociado da economia real, aquela que deveria beneficiar as pessoas comuns [...] e é também por vezes indiferente aos danos infligidos à casa comum” (FRANCISCO, 2021g). Porém é o tipo de solução que fascina a mente de muitos e passa a ser adotada pelo Estado, numa atitude contrária à justiça social. O Papa Francisco (2021), comentando o princípio da subsidiariedade, recorda que num tempo como esse em que “muitas pessoas, famílias e atividades econômicas (sic) encontraram-se e ainda se encontram em sérias dificuldades”, as instituições públicas deveriam “ajudar com apropriadas intervenções sociais, econômicas (sic) e sanitárias: esta é a sua função, é o que devem fazer”. Infelizmente o que acontece é o contrário: ouve-se mais e investe-se mais nas grandes corporações e empresas que não contribuem para a promoção dos últimos nem a preservação da nossa casa comum (FRANCISCO, 2021g; 2021l). A própria vacina pode se tornar objeto de especulação financeira, chegando primeiro aos mais poderosos (países e pessoas). Isso é escandaloso (FRANCISCO, 2021g) e “injustiça que clama aos céus” (FRANCISCO, 2021h).

Por fim, temos a degradação ambiental: “A desigualdade social e a degradação ambiental andam de mãos dadas e têm a mesma raiz [...]: a do pecado de querer possuir, de querer dominar os irmãos e irmãs, de pretender possuir e dominar a natureza e o próprio Deus” (FRANCISCO, 2021h). Também a degradação ambiental é fruto de uma economia doente que, para obter o máximo de lucros, torna a casa comum um objeto de exploração: “ao mesmo tempo, este modelo econômico (sic) é indiferente aos danos infligidos à casa comum. Não cuida da casa comum. Estamos quase a superar muitos dos limites do nosso maravilhoso planeta, com consequências graves e irreversíveis” (FRANCISCO, 2021h). A exploração da nossa casa comum e do próprio ser humano tem sua raiz, segundo Francisco (2015, n.118), num antropocentrismo exacerbado em que o “eu” coloca-se como centro de tudo, não reconhecendo qualquer valor próprio aos outros seres nem qualquer valor peculiar ao ser humano. É correto pensar que nossa missão humana é trabalhar os recursos naturais de modo que possamos viver e nos desenvolver. O problema está numa ilimitada exploração objetificante, esquecendo que os recursos não são perenes e que temos uma responsabilidade com os nossos contemporâneos e as gerações futuras (FRANCISCO, 2015, n. 159). “Não podemos pretender continuar a crescer a nível material, sem cuidarmos da casa comum que

nos acolhe. Os nossos irmãos e irmãs mais pobres e a nossa mãe terra gemem pelos danos e injustiças que causamos (sic) e reclamam outro rumo” (FRANCISCO, 2021k).

Toda essa situação parece escuridão e sombra sem fim. Contudo, a esperança cristã nos permite buscar saídas: “a esperança é ousada, sabe olhar para além das comunidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FRANCISCO, 2020, n. 55). Por isso, no próximo tópico, falaremos a respeito do específico da esperança cristã que, no tópico seguinte, oferece possibilidades de cura para nossa realidade gravemente enferma.

2 A ESPERANÇA CRISTÃ NESSES TEMPOS SOMBRIOS

No tópico anterior, pudemos perceber com que realismo e lucidez o Papa Francisco apresenta as várias doenças sociais, políticas e econômicas que foram escancaradas pela pandemia. Trata-se de uma realidade dramática. No entanto, os textos do Papa são perpassados pela esperança, nem ingênua nem cínica, muito menos alienada e alienante, mas sim comprometida e comprometedora. Trata-se da autêntica esperança cristã.

Tal esperança, em primeiro lugar, não é mero otimismo de passagem, mas tem sua raiz em Deus que não nos deixa sozinhos. Nas suas catequese sobre a esperança (2016/2017), Francisco (2018, p. 9) nos diz palavras que não perderam sua atualidade: “A esperança não desilude. O otimismo engana, a esperança não! Precisamos muito dela nesta época que parece obscura, na qual às vezes nos sentimos perdidos diante do mal e da violência que nos circundam, perante a dor de tantos nossos irmãos”. Mais ainda: “cada um de nós pode dizer: ‘Espero, tenho esperança, pois Deus caminha comigo’. Caminha e leva-me pela mão. Deus não nos deixa sós. O Senhor Jesus venceu o mal, abrindo-nos a senda da vida”.

O específico da esperança cristã é a pessoa de Jesus Cristo. Dele recebemos a esperança para caminhar, pois Nele é Deus mesmo que caminha conosco: “A esperança entrou no mundo, com a encarnação do Filho de Deus. [...] Deus cumpre a promessa, [...] aproxima-se a ponto de se despojar da sua divindade [...] demonstra sua fidelidade e inaugura um Reino novo, que confere nova esperança à humanidade” (FRANCISCO, 2018, p.18).

Se, pela encarnação, a esperança entrou no mundo em Jesus Cristo, é preciso encontrar nele a esperança nesses tempos tumultuosos: “Neste tempo de incerteza e angústia, convido todos a aceitarem o dom da *esperança* que vem de Cristo. É Ele que nos ajuda a navegar nas águas tumultuosas da doença, da morte e da injustiça, que não têm a última palavra sobre o nosso destino final” (FRANCISCO, 2021h). Essa esperança brota do Reino de Deus, categoria pela qual a mesma esperança se relaciona com a fé e a caridade:

[...] devemos manter o nosso olhar fixo firmemente em Jesus (cf. *Hb* 12, 2) e com esta *fé* abraçar a *esperança* do Reino de Deus que o próprio Jesus nos traz (cf. *Mc* 1, 5; *Mt* 4, 17; *CIC*, n. 2.816). Um Reino de cura e salvação que já está presente entre nós (cf. *Lc* 10, 11).

Um Reino de justiça e paz que se manifesta através de obras de *caridade*, que por sua vez aumentam a esperança e fortalecem a fé (cf. *1 Cor* 13, 13) (FRANCISCO, 2021e).

Nessa relação da esperança com o Reino de Deus, explicita-se também a relação com o Espírito Santo. Jesus anuncia o Reino na força e no poder do Espírito, trazendo esperança e alegria para os pobres, presos, cegos, oprimidos, para todos os que sofrem (Lc 4,14; 4,18-19). É, portanto, o Espírito quem nos dá a esperança, junto com a fé e a caridade para continuarmos a missão de Jesus (At 1,8), curando as feridas da humanidade sofredora e abrindo novos horizontes de vida: “Na tradição cristã, *fé, esperança e caridade* são [...] virtudes infundidas em nós pela graça do Espírito Santo [...]: dons que nos curam e nos fazem curar, dons que nos abrem novos horizontes, até quando navegamos nas difíceis águas do nosso tempo” (FRANCISCO, 2021e). Se em Hebreus 6,18-19, a esperança é comparada a uma âncora, algo que transmite solidez, segurança, Francisco acrescenta a imagem vela que, recolhendo o vento do Espírito Santo, transforma-o em força que movimenta a barca de nossas vidas (FRANCISCO, 2018, p.94). Na carta aos Romanos (Rm 5,5), Paulo nos diz que a esperança não decepciona porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito. Comentando essa passagem, o Papa observa que “não desilude, porque há o Espírito Santo dentro de nós que nos impele a ir em frente, sempre!”. O mesmo Espírito que nos faz capazes de esperar, também nos faz “ser *semeadores de esperança*, de ser nós – como ele e graças a ele – ‘paráclitos’, ou seja consoladores e defensores dos irmãos”, sobretudo os mais necessitados. Recordando o Papa Bento XVI, que afirmou que “a energia capaz de mover o mundo não é uma força anônima, mas é a ação do Espírito de Deus que ‘pairava sobre as águas’ [...] no início da criação”, Francisco pede que tenhamos nós a capacidade de “prodigalizar esperança a todos aqueles que mais necessitam, que são mais descartados, e a todos aqueles que dela precisam” (FRANCISCO, 2018, p. 95-97).

Essa esperança que brota do Reino de Deus, transbordada pelo dom do Espírito (cf. FRANCISCO 2018, p. 97) não busca soluções simplistas como voltar à normalidade. Essa não é a solução, pois essa normalidade já estava doente. A normalidade que a esperança objetiva é a do Reino de Deus para que haja um tempo novo:

Agora voltemos à normalidade”: não, assim não pode ser, porque esta normalidade estava doente de injustiças, desigualdades e degradação ambiental. A normalidade a que somos chamados é a do Reino de Deus, onde “os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres” (Mt 11, 5). E ninguém faz de contas olhando para o outro lado. É isto que temos de fazer para mudar. Na normalidade do Reino de Deus o pão chega a todos e sobra, a organização social baseia-se em contribuir, partilhar e distribuir, não em possuir, excluir e acumular (cf. *Mt* 14, 13-21). O gesto que faz progredir uma sociedade, uma família, um bairro, uma cidade, todos, é doar-se, dar,

que não é dar esmola, mas uma dádiva que vem do coração. [...] Assim, a normalidade do Reino de Deus é importante: que o pão chegue a todos, a organização social se baseie em contribuir, partilhar e distribuir, com ternura, e não em possuir, excluir e acumular. Pois no final da existência nada levaremos para a outra vida! (FRANCISCO, 2021m).

A esperança tem também sua raiz na Ressurreição. Nela, diz-nos Francisco (2021b), “conquistamos um direito fundamental, que não nos será tirado: *o direito à esperança*. É uma esperança nova, viva, que vem de Deus. [...] É um dom do Céu, que não podíamos obter por nós mesmos”. Essa esperança de Jesus é diferente: “coloca no coração a certeza de que Deus sabe transformar tudo em bem, pois até do túmulo faz sair a vida”. E isso tem implicações para nós: “Por isso, não cedamos à resignação, não coloquemos uma pedra sobre a esperança. Podemos e devemos esperar, porque Deus é fiel. [...] A escuridão e a morte não têm a última palavra. Coragem! Com Deus, nada está perdido”.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que o Ressuscitado é o Crucificado; isso nos ajuda a continuar a missão do anúncio do Reino, perseguindo a esperança que daí brota: “O Ressuscitado é o Crucificado; e não outra pessoa. Indeléveis no seu corpo glorioso, traz as chagas: feridas que se tornaram frestas de esperança. Para Ele, voltamos o nosso olhar para que sare as feridas da humanidade atribulada” (FRANCISCO, 2021d).

Assim, a esperança cristã deve levar a todos a perscrutar a história com olhos novos e sonhar alto com os ideais do Reino de Deus inaugurado por Jesus: “A *esperança* é audaz, por isso encorajemo-nos uns aos outros a sonhar alto. Irmãos e irmãs, aprendamos a sonhar alto! Não tenhamos medo de sonhar alto, procurando os ideais de justiça e amor social que nascem da esperança” (FRANCISCO, 2021l). É isso que passaremos a ver agora.

3 COMPROMISSOS A SER ASSUMIDOS A PARTIR DA ESPERANÇA

Vimos que, no meio de um mundo sombrio, somos animados pela esperança que nos é dada em Cristo, no Reino por ele anunciado e realizado e no mistério de sua Páscoa, esperança gerada em nós pela ação do Espírito Santo. Ela não é alienada e nem alienante. Dessa crise, podemos sair melhores ou piores, mas nunca os mesmos, é o que diz Francisco repetidamente em suas catequeses (2021g; 2021; 2021h; 2021; 2021i; 2021j; 2021l); a esperança cristã nos motiva a sair melhores da crise, desde que (e esse “desde que” é fundamental!) assumamos o compromisso com alguns princípios sociais fundamentais que, na força criativa do Espírito, tornam-se dinamismos de vida que impelem, não só os cristãos, mas também toda a humanidade, a continuar a missão do anúncio e realização do Reino: “animados pelo Espírito Santo, poderemos trabalhar juntos para o Reino de Deus que Cristo inaugurou, [...] um Reino de luz no meio da escuridão, de justiça no meio de tantos ultrajes, de alegria no meio de tanta dor, de cura e salvação no meio da doença e da morte, de ternura no meio do ódio” (FRANCISCO,

2021m). São eles: dignidade da pessoa, opção preferencial pelos pobres, destino universal dos bens, solidariedade, bem comum, cuidado pela casa comum, subsidiariedade.

Eles são verdadeiros dinamismos de vida, sinais do Reino de Deus, que interpelam dirigentes e responsáveis pela sociedade, líderes de movimentos e organizações diversas e também a nós, a promover o crescimento integral da sociedade, curando o tecido pessoal e social (FRANCISCO, 2021e). Todos esses princípios são dinamizados pelo Espírito e fazem transbordar a esperança. Deles trataremos a partir de agora.

Como discípulos de Jesus e, portanto, continuadores da sua missão de anúncio e realização do Reino, na força e no poder do Espírito, precisamos ajudar a curar as feridas da humanidade em sentido físico, social e espiritual (FRANCISCO, 2021e). Isso começa por um olhar atento aos irmãos e irmãs, sobretudo os que mais sofrem. O discípulo de Jesus não é indiferente ou individualista. Daqui brota o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, não importando sua raça, língua ou condição. Os direitos que brotam desse princípio não são apenas individuais, mas sociais, dos povos, das nações, pois o ser humano, com dignidade pessoal, é um ser social que foi criado à imagem do Deus Uno e Trino (FRANCISCO, 2021f). Essa consciência exige mudanças sociais, econômicas e políticas. É fundamental, pois “cuidar das pessoas, não poupar para a economia. Cuidar das pessoas, que são mais importantes do que a economia. Somos nós, as pessoas, o templo do Espírito Santo, não a economia” (FRANCISCO, 2021n). Cabe, portanto, aos cristãos, a partir da fé, enfrentar a indiferença diante das violações à dignidade da pessoa humana e redescobrir que somos pertencentes à mesma família humana, o que implica em ações concretas de compaixão e respeito por cada pessoa e também pela nossa casa comum (FRANCISCO, 2021f).

Aliado a esse princípio-dinamismo, segue-se o segundo: opção preferencial pelos pobres. Trata-se de uma opção que está no centro do Evangelho, que foi feita primeiramente por Jesus, que se fez um de nós e proclamou que no Reino os pobres são bem-aventurados (Mt 5,3; Lc 6,20); além disso, estava entre os doentes, manifestando-lhes a misericórdia de Deus, cuidou de doentes e leprosos, chegando a ser julgado como impuro e fez da acolhida ou rejeição a eles o critério com base no qual seremos julgados (Mt 25), critério-chave da autenticidade cristã (Gl 2,10). Lembrando uma afirmação do Papa João Paulo II, Francisco (2021g) diz que o amor preferencial pelos pobres é missão de toda a Igreja e, portanto, todos devem ser instrumentos de Deus na libertação e promoção dos pobres.

Essa preferência deve ir além do assistencial: “podemos fazer crescer uma economia de desenvolvimento integral dos pobres [...] conceber uma economia onde as pessoas, especialmente as mais pobres, estejam no centro. [...] projetar o tratamento do vírus, privilegiando quem tem mais necessidade”. (FRANCISCO, 2021g). Tais propostas encontram reverberação na convocação do Papa aos economistas jovens para pensar “uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Trata-se da Economia de Francisco e Clara: “um ‘pacto’ para mudar a economia atual

e atribuir uma alma à economia de amanhã” (FRANCISCO, 2021p). Esse sinal profético do Papa Francisco deverá trazer muitos frutos.

Francisco (2021g) recorda ainda a necessidade de Estados investirem recursos em empresas que “contribuem para a inclusão dos excluídos, para a promoção dos últimos, para o bem comum e para o cuidado da criação”. Dessa forma, para curar o vírus da injustiça, deve-se “partir do amor de Deus, colocando as periferias no centro e os últimos em primeiro lugar”.

O terceiro princípio-dinamismo é o do destino universal dos bens. Ele brota da consciência de que a terra e seus recursos foram confiados pelo Criador à gestão comum da humanidade para que fosse cuidado. É dever de cada ser humano assegurar que seus frutos cheguem a todos. Somos administradores e não donos dos bens da terra. Por isso, recordando a declaração do Papa João Paulo II, para o qual a subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens é uma “regra de ouro” do comportamento social e primeiro princípio de toda a ordem ética e social, Francisco (2021h) convida todos ao cuidado pela criação e pela justiça social: “Se cuidarmos dos bens que o Criador nos concede, se partilharmos o que possuímos para que não falte nada a ninguém, então de facto (sic) podemos inspirar esperança para regenerar um mundo mais saudável e mais justo”.

O quarto princípio-dinamismo é o da solidariedade. Francisco nos recorda que formamos uma única família humana e, portanto, somos interdependentes. Essa interdependência precisa ser solidária, o que significa a criação de uma nova mentalidade que pensa em termos de comunidade e prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de uns poucos. Isso só pode acontecer quando há respeito pelo humano e pela natureza criada por Deus. Francisco (2021i) afirma ainda que “a diversidade solidária também possui os anticorpos para curar estruturas e processos sociais que degeneraram em sistemas de injustiça, em sistemas de opressão. [...] hoje a solidariedade é o caminho a percorrer [...] para a cura das nossas doenças interpessoais e sociais”.

O quinto princípio-dinamismo é o do bem comum. Ele brota do amor de Deus que sempre nos precede (1Jo 4,19) e do nosso amor que é semelhante ao de Deus quando por ele nos deixamos amar. Esse amor em nós é dirigido a todos. Também não se limita às relações interpessoais, mas inclui relações cívicas e políticas, também a natureza: “Dado que somos seres sociais e políticos, uma das mais altas expressões de amor é precisamente o amor social e político, que é decisivo para o desenvolvimento humano e para enfrentar qualquer tipo de crise”. Num tal amor, as pessoas criam consciência que o verdadeiro bem é comum, para todos. Isso “pode gerar estruturas sociais que nos encorajam a partilhar em vez de competir, que nos permitem incluir os mais vulneráveis em vez de os descartar, e que nos ajudam a expressar o melhor da nossa natureza humana e não o pior” (FRANCISCO, 2021j). Os diversos vírus só podem ser enfrentados se estivermos juntos, assumindo o dever do bem comum que para todos é dever de justiça e, para os cristãos, é missão. Trata-se de um trabalho que começa com pequenos gestos, mas que vai fecundando relações sociais, culturais, econômicas e políticas, a fim de construir uma civilização do amor (FRANCISCO, 2021j).

O sexto princípio-dinamismo é o cuidado pela casa comum. Cuidar é uma regra de ouro da condição humana (FRANCISCO, 2015, n. 70), é algo dirigido a pessoas, especialmente os necessitados, mas também à nossa casa comum. Nossa saúde depende dos ecossistemas que Deus criou e nos encarregou de cuidar (Gn 2,15). Para assumirmos tal missão, precisamos aprender que somos parte da criação e a contemplamos, reconhecendo o valor de cada criatura e o valor fundamental do ser humano. Trata-se de uma contemplação ativa, uma atitude que gera novos hábitos de produção e consumo, contribui para um novo modelo de crescimento econômico que garanta respeito pela casa comum e pelas pessoas. Esse cuidado deve levar em consideração também nossa responsabilidade com as gerações futuras. Nossa “regra de ouro” para com a casa comum deve ser, pois, “contemplar para cuidar e para preservar e deixar uma herança à futura geração” (FRANCISCO, 2021k).

O último princípio-dinamismo é a subsidiariedade. A saída para as patologias sanitária e social exige uma resposta não só como indivíduos, mas também como grupos, com o papel que cada um tem na sociedade e, como crentes, a partir da nossa fé em Deus. Para que todos assumam seu papel é preciso, porém, que tenham recursos adequados. É assim que entra em cena o princípio da subsidiariedade com um duplo dinamismo: por um lado, quando pessoas, pequenos grupos etc. não têm condições de alcançar objetivos primários, os níveis mais elevados do corpo social, como o Estado, precisam oferecer recursos para que os menores prossigam; por outro lado, os níveis mais elevados devem respeitar e promover a participação dos níveis menores.

Cada um deve ter a possibilidade de assumir a sua responsabilidade nos processos de cura da sociedade da qual faz parte. Quando se ativa algum projeto que [...] diz respeito a determinados grupos sociais, estes não podem ser excluídos da participação”. Se queremos trabalhar por algum grupo pequeno, deve-se deixar que este participe do processo. É fundamental que as pessoas sejam “protagonistas do próprio resgate”. Assim, “o princípio da subsidiariedade permite a cada um assumir o seu próprio papel no cuidado e destino da sociedade. A sua implementação [...] dá esperança num futuro mais saudável e justo; e construímos este futuro juntos, aspirando a realidades maiores. (FRANCISCO, 2021l)

A subsidiariedade é o modo como a solidariedade se põe a caminhar: “não há verdadeira solidariedade sem participação social, sem a contribuição dos organismos intermédios: famílias, associações, cooperativas, pequenas empresas, expressões da sociedade civil”. Só assim é possível construir um futuro novo, no qual “cada um deve dar a sua parte, a sua cultura, a sua filosofia, o seu modo de pensar” e também “onde a beleza e a riqueza dos grupos menores, inclusive dos grupos descartados, possam florescer [...] e onde aqueles que têm mais se comprometam a servir e a dar mais a quem tem menos” (FRANCISCO, 2021l).

Esses princípios-dinamismos do Reino de Deus não são um sonho irrealizável. Eles já são vividos de modo muito evidente pelos movimentos populares. A eles o Papa Francisco dirigiu uma carta, na qual destaca que são verdadeiros “poetas sociais, que desde as periferias esquecidas criam soluções dignas para os problemas mais prementes dos excluídos”. E destaca: vivem a organização comunitária, reivindicam direitos, arregaçam as mangas para trabalhar pelo bem comum; as mulheres multiplicam o pão nos refeitórios comunitários, os agricultores produzem alimentos saudáveis sem destruir a natureza, são solidários com os sem teto, os migrantes, as pessoas privadas de liberdade e dependentes. Por esses motivos, o Papa os convida a ajudar a pensar o “depois” da pandemia: “quero que pensemos no projeto de desenvolvimento humano integral que ansiamos, focado no protagonismo dos Povos em toda a sua diversidade e no acesso universal aos três T que vocês defendem: terra e comida, teto e trabalho”. E convida-os a serem protagonistas: “Vocês são construtores indispensáveis dessa mudança urgente; [...] possuem uma voz autorizada para testemunhar que isso é possível [...] conhecem crises e privações... que [...] conseguem transformar em uma promessa de vida para suas famílias e comunidades” (FRANCISCO, 2021o).

CONCLUSÃO

A pandemia pôs em evidência um mundo doente. O Papa Francisco nos ajudou a desmascarar doenças sociais, políticas e econômicas gravíssimas que precisam ser sanadas. Como cristãos podemos contribuir para curar o mundo doente. E o fazemos a partir da esperança transbordada pelo Espírito e que brota do Reino de justiça e amor anunciado por Jesus e confirmado em definitividade por sua ressurreição. É essa esperança que nos faz comprometidos com a transformação do mundo, segundo os ideais de justiça e fraternidade.

E nós o fazemos na medida em que, a exemplo dos movimentos populares, nos deixamos guiar pelo dinamismo do Espírito na realização dos princípios-dinamismos que ajudam a curar e regenerar as pessoas e relações interpessoais, comunitárias, civis e políticas de modo que todos os vírus sejam vencidos. Podemos sair melhores dessa crise, mas só o faremos se, juntos, criarmos novos hábitos, nova política e nova economia para que haja uma sociedade equitativa, solidária, participativa e saudável. À luz da fé, deixemo-nos contaminar pela esperança do Reino para construir a civilização do amor.

REFERÊNCIAS

- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas: 2020.
- _____. *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia presidido pelo Papa Francisco*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 10 abr. 2021a.

_____. *Vigília Pascal na noite santa: homilia do Papa Francisco*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200411_omelia-vegliapasquale.html. Acesso em: 10 abr. 2021b.

_____. *Mensagem Urbi et Orbi do Papa Francisco: Páscoa 2020*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200412_urbi-et-orbi-pasqua.html. Acesso em: 12 abr. 2021c.

_____. *Santa Missa da Divina Misericórdia: homilia do Papa Francisco*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200419_omelia-divinamiseri-cordia.html. Acesso em: 15 abr. 2021d.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 1. Introdução*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200805_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021e.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 2. Fé e dignidade humana*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021f.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 3. A opção preferencial pelos pobres e a virtude da caridade*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021g.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 4. O destino universal dos bens e a virtude da esperança*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200826_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021h.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 5. A solidariedade e a virtude da fé*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021i.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 6. Amor e bem comum*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021j.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 7. Cuidado da Casa comum e atitude contemplativa*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200916_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021k.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 8. Subsidiariedade e virtude da esperança*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200923_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021l.

_____. *Catequeses “Curar o mundo”: 9. Preparar o futuro com Jesus que salva e cura*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200930_udienza-generale.html. Acesso em: 20 abr. 2021m.

_____. *Regina Caeli*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_regina-coeli_20200531.html. Acesso em: 01 mai. 2021n.

_____. *Carta do Papa Francisco aos movimentos populares*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200412_lettera-movimentipopolari.html. Acesso em: 01 mai. 2021o.

_____. *Carta do Papa Francisco para o evento "Economy of Francesco"*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_2019050_1_giovani-imprenditori.html. Acesso em 05 jun. 2021p.